

Área Temática: 6 – Finanças

Título do trabalho: IMPACTO DA CRISE FINANCEIRA DE 2008/2009 NO SETOR BANCÁRIO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE BANCOS MONETÁRIOS BRASILEIROS E NORTE AMERICANOS

RESUMO: O objetivo desta pesquisa é analisar a recuperação financeira de instituições bancárias do Brasil e Estados Unidos da América durante e após a crise de 2008/2009. O artigo possui caráter exploratório e descritivo, classificando-se também como quantitativo. Para a obtenção de dados secundários, utilizou-se informações de quatro bancos monetários, sendo dois norte-americanos (JP Morgan Chase, Bank of America) e dois brasileiros (Itaú e Bradesco). A partir da análise de 780 observações durante o período de 13 anos (2007-2019) desses quatro bancos mencionados, desenvolveu-se 15 índices financeiros para cada instituição, subdividindo-os em 6 categorias de pesquisa. Com a aplicação e investigação destes índices, concluiu-se que há uma relação mais significativa de perda por parte dos bancos norte-americanos durante o período pré e pós-crise. Isso está atrelado, principalmente, ao risco financeiro e de crédito analisado pelas categorias de “estrutura de capital” e “análise de capital”, justificando a dificuldade na recuperação das finanças dessas instituições até o momento. Por outro lado, os bancos monetários brasileiros obtiveram resultados mais interessantes no período supracitado, especialmente nas categorias de “spread bancário” e “lucratividade e rentabilidade”, apostando em uma estratégia mais arriscada, mas alcançando resultados mais relevantes do ponto de vista rentável para os acionistas.

Palavras-chave: Crise financeira 2008/2009, Bancos monetários brasileiros, Bancos monetários norte-americanos, Recuperação financeira, Continuidade nos negócios.

ABSTRACT: The objective of this research is to examine the financial recovery of banking institutions from Brazil and the United States of America during and after the 2008/2009 financial crisis. This paper adopts an exploratory and descriptive approach and is also classified as quantitative in nature. To acquire secondary data, information from four monetary banks was utilized: two from the United States (JP Morgan Chase, Bank of America) and two from Brazil (Itaú and Bradesco). Based on the analysis of 780 observations over a 13-year period (2007-2019) from these aforementioned banks, 15 financial indices were developed for each institution, further segmented into 6 research categories. Upon the application and investigation of these indices, it was concluded that there is a more significant loss on the part of the U.S. banks during the pre- and post-crisis period. This is primarily attributed to the financial and credit risk examined under the “capital structure” and “capital analysis” categories, explaining the challenges in recuperating the finances of these institutions up to this point. On the other hand, the Brazilian monetary banks yielded more favorable outcomes in the aforementioned period, particularly in the "banking spread" and "profitability and returns" categories, adopting a riskier strategy yet achieving more meaningful results from a shareholder returns perspective.

Key words: Financial crisis 2008/2009; Brazilian monetary banks; North American money banks; Financial recovery; Business continuity.

1 INTRODUÇÃO

A realidade atual do mundo empresarial apresenta uma grande complexidade em sua própria existência. Tal complexidade é consequência da convivência dos negócios em um mundo totalmente globalizado, onde organizações sobrevivem em ambientes de negócios extremamente competitivos e dependentes de aspectos internos e externos. Neste contexto, a sobrevivência das empresas torna-se um intenso desafio que pode envolver uma série de variáveis: planejamento, análise de riscos, gestão financeira, tomada de decisão etc. Portanto, a organização que possui a competência de administrar estas variáveis gerando qualidade para a continuidade de seu negócio, possivelmente, irá prolongar o tempo de vida de sua empresa.

Justamente a relação de dependência indireta entre as variáveis do ambiente externo e as organizações faz com que as empresas fiquem a mercê de situações totalmente inusitadas, como crises financeiras (CF). Com o passar do tempo estas adversidades aconteceram diversas vezes, arruinando negócios e dando espaço para o surgimento de novas ideias, não somente no ambiente empresarial, mas também, na vida social e política da civilização como um todo. Na atualidade, é possível encontrar empresas sólidas, que foram capazes de gerenciar suas atividades, sustentando a continuidade de seus negócios em momentos de crise.

Um bom exemplo de resiliência foram as organizações que conseguiram sobreviver ao episódio tido como uma das piores crises financeiras já vividas desde o surgimento do capitalismo: a crise financeira de 2008/2009, que retratou aspectos positivos e negativos da economia mundial, deixando resquícios de seus impactos na atualidade. De acordo com Stiglitz (2010), uma crise quase nunca é descoberta anteriormente ao seu acontecimento, o que torna este aspecto externo muito mais difícil de ser previsto pelas empresas. Como mencionado em uma obra clássica do professor da Universidade de Chicago Rajan (2010), essa foi uma das surpresas da CF: sua chegada pegou diversas organizações de maneira desprevenida.

Por tratar-se de um evento pouco usual e dificilmente previsto, o comportamento corporativo das instituições frente à crise tende a se tornar desorganizado e caótico. Esta realidade foi vivenciada por diversos setores nas economias mundiais, como, por exemplo, o setor bancário. Nele, instituições financeiras de grande valor (públicas e privadas) necessitaram de ajuda externa governamental para continuidade de seus negócios.

A crise financeira de 2008/2009 é um estudo emblemático quando se aborda transformações disruptivas e sua repercussão no mundo corporativo, em especial no setor bancário. A turbulência econômica desse período impulsionou uma reavaliação profunda das estruturas e estratégias bancárias, tanto em bancos monetários brasileiros quanto norte-americanos (CAMPOS; SOUZA; MATOS, 2015). Esta reestruturação não foi apenas uma resposta imediata à crise, mas uma adaptação à nova realidade econômica globalizada e interconectada, onde a resiliência e a inovação tornaram-se essenciais para a continuidade dos negócios. No âmbito financeiro, muitos bancos que foram ágeis em reestruturar suas operações, otimizar ativos, resultados e diversificar portfólios, não só sobreviveram como prosperaram nos anos subseqüentes (CAMPOS; SOUZA; MATOS, 2015). Esta habilidade de se adaptar às transformações disruptivas, refletida em seus resultados financeiros, evidencia a importância da capacidade de reinvenção e adaptação contínua no ambiente de negócios volátil do século XXI.

Alguns autores, como Ferreira Neto, Alves e Mendonça (2020), indicam que a literatura sobre este assunto ainda é pouco discutida no âmbito do impacto real

financeiro desta crise financeira para instituições do setor bancário. Conseqüentemente, esta produção científica propõe-se a preencher esta lacuna e compreender a realidade financeira e econômica vivenciada pelos sujeitos da pesquisa em um ambiente extremamente incerto para os negócios nos anos de 2008/2009. Assim, possibilita a produção de comparações e discussão sobre o impacto da CF na continuidade dos empreendimentos bancários da época.

Portanto, produzir estudos com foco em análise de problematizações anteriores e que possuem fortes impactos na atualidade podem contribuir para o melhor entendimento do processo de adaptação financeira de empresas em meio a crises econômicas. Neste contexto, este estudo reveste-se de importância para o meio corporativo.

Tendo em vista o cenário apresentado nos parágrafos anteriores, ocorre a problematização deste artigo, que incita em responder a seguinte indagação: “Qual a relação existente entre a recuperação financeira de instituições bancárias do Brasil (Bradesco e Itaú) e Estados Unidos da América (Bank of America e JP Morgan Chase) durante e após à crise de 2008/2009?”. A fim de obter a resposta para o problema de pesquisa, tornou-se necessário a consecução do objetivo geral que pretende analisar a recuperação financeira de instituições bancárias do Brasil e Estados Unidos da América (EUA) durante e após à crise de 2008/2009. E como forma de aprofundar os estudos resultantes do objetivo geral, decidiu-se por três objetivos específicos: compreender a realidade vivenciada pelos bancos monetários da pesquisa em meio à crise de 2008/2009 por meio de análises econômico-financeiras; comparar diferentes aspectos financeiros das instituições bancárias do Brasil e EUA, durante e após a crise de 2008/2009; identificar os possíveis fatores que auxiliaram a continuidade destes negócios em seus respectivos países.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Crise econômica mundial de 2008/2009

Segundo Freguete, Nossa e Funchal (2015) a crise econômica mundial de 2008/2009, também conhecida como “crise do crédito”, foi um momento divisor de águas no mundo organizacional, quando instituições públicas e privadas de diversos países se viram a mercê de um grande colapso econômico e financeiro, com o poder de desempregar muitos trabalhadores e quebrar várias empresas. O professor de formação e crescimento de capital da Universidade de Harvard, Frankel (2020), comenta que a economia mundial sentiu o impacto não só financeiro, mas também no crescimento econômico de inúmeros países desenvolvidos e subdesenvolvidos, regiões como a Europa, China, Japão, e, principalmente, Estados Unidos, entraram em “crescimento negativo” por um período muito prolongado.

Contudo, muitos pesquisadores clássicos e contemporâneos desenvolvem pesquisas que indicam o possível início de todo esse problema, focando no princípio de sua criação e tentando entender os gargalos dessa grande crise. Primeiramente, crises econômico-financeiras podem ser conceituadas como eventos, normalmente, imprevisíveis, atrelados a instabilidade financeira de organizações, que atingem de maneira inesperada a sociedade como um todo (BERNSTEIN; LERNER; MEZZANOTTI, 2017).

Porém, para Frankel (2011) e Reinhart (2018) a CF de 2008/2009 foi marcada por alguns acontecimentos que levaram ao seu desfecho, pode-se citar como possíveis causadores do grande colapso: a bolha da internet dos anos 2000, o

crédito bancário, a crise hipotecária *subprime*, e o principal responsável da crise – a ingenuidade humana. Como mencionado por Reinhart (2018), desde o início do século XXI, a maioria dos economistas do mundo confiavam na ideia de que os principais desastres econômicos eram uma coisa do passado, acreditavam que sistemas financeiros eram muito sofisticados para simplesmente entrarem em colapso. A ideia primordial na cabeça dos reguladores da época era: “Os mercados são capazes de se autorregular”, e justamente por essa ignorância não foi possível perceber uma crise eminente.

2.2 O impacto da crise financeira de 2008 nos bancos monetários privados

Para Fortuna (2013), os bancos monetários podem ser conceitualizados como instituições financeiras, como bancos comerciais, caixas econômicas, cooperativas de crédito etc., que realizam depósitos à vista, apresentando grande capacidade de circulação da moeda de seu país. Reinhart (2018) indica que os bancos monetários foram um dos setores mais atingidos pela CF de 2008/2009. De acordo com Frankel (2011), no caso dos EUA, em 2008, o governo respondeu com uma política monetária e fiscal expansionista, auxiliando a continuidade nos negócios. No Brasil, segundo Santana (2018), os impactos foram menos sentidos por diversos fatores, principalmente pela política de incentivo ao consumo implantada pelo governo da época, que diminuiu o valor de impostos sob produtos industrializados.

Apesar das soluções encontradas pelos governos mundiais na luta contra a CF de 2008/2009, o impacto havia acontecido e suas consequências são sofridas até os tempos atuais. Consequentemente, ainda existe o questionamento a respeito da real recuperação financeira de vários setores da economia, especialmente dos setores mais atingidos, como foi o caso dos bancos monetários (REINHART, 2018; MARICHAL, 2016).

2.3 Noções comparativas entre bancos brasileiros e norte-americanos

Para o melhor entendimento da realidade vivenciada pelos objetos de estudo desta pesquisa durante e após a crise de 2008/2009, e, posteriormente, desenvolver uma análise comparativa entre estudos de caso de instituições bancárias brasileiras e norte-americanas, é necessário o entendimento de alguns princípios nos dois países: comparações entre órgãos reguladores; relações entre normas contábeis (IRFS e BR-GAAP); e relatórios de divulgação de informações econômico-financeiras.

2.3.1 Comparações entre órgãos reguladores

Nos EUA, a Securities and Exchange Commission (SEC) regula o mercado de valores, assegurando investidores e a integridade do mercado, tendo sido crucial durante a crise de 2008 (SEC, 2016). No Brasil, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) desempenha função similar, mas, segundo Santana (2018), cometeu falhas na análise da estabilidade financeira durante a crise, um erro também observado nos EUA. Ambas as entidades supervisionam fraudes, informações privilegiadas e a disseminação de falsas notícias que possam influenciar o mercado (BONANI, 2018). Camargo (2017) reforça a relevância destas agências, especialmente na divulgação confiável dos resultados financeiros das empresas listadas em suas bolsas de valores.

2.3.2 Relações entre normas contábeis (IRFS e BR-GAAP)

Os órgãos reguladores CVM e SEC possuem normas contábeis próprias para a divulgação de informações financeiras de empresas listadas em suas bolsas de valores. A International Accounting Standards Board (IASB/IRFS) foi criada para desenvolver padrões contábeis globalmente aceitos, os IFRS, que representam transações econômicas de maneira fiel, sendo primariamente destinados a investidores (IFRS, 2019; Corrêa e Szuster, 2013). Nos EUA, os bancos seguem o padrão IFRS. No Brasil, o GAAP é um conjunto de leis e normas que padronizam operações contábeis. Bancos brasileiros listados nas bolsas americanas inicialmente seguiam o BR-GAAP, mas com a busca de maior padronização, a partir de 2010, esses bancos passaram a divulgar seus relatórios em ambos os padrões, BR-GAAP e IFRS (CORRÊA; SZUSTER, 2013). Estes dois padrões apresentam divergências significativas em suas análises (Corrêa e Szuster, 2013). Camargo (2017) sugere que o IFRS oferece uma visão mais clara das estratégias bancárias, enquanto o BR-GAAP pode parecer desatualizado em certos aspectos da demonstração de resultados.

2.3.3 Relatórios financeiros IFRS (F – 20 e 10 – K)

Segundo a SEC (2016), os relatórios “F – 20” são arquivos submetidos a SEC, destinados a instituições estrangeiras de capital aberto fora de seu país de origem. São utilizados para fornecer dados e informações anuais e consolidadas a respeito da situação econômico-financeira da organização em si em dado período. Os relatórios “10 – K” são informações consolidadas (gerenciais e financeiras) de empresas dos EUA que devem ser submetidas a SEC – organizações com mais de US\$ 10 milhões em ativos e/ou com ações em bolsa (NYSE; NASDAQ) devem publicar suas demonstrações financeiras por meio de um relatório anual “10 – K”, para facilitar o acesso à informação de acionistas e interessados no geral (SEC, 2016).

2.4 Demonstrações financeiras

O termo “demonstrações contábeis ou financeiras” refere-se ao conjunto de informações financeiras e gerenciais coletadas ao longo do exercício empresarial e divulgadas para órgãos reguladores como BACEN, CVM e SEC, representando resultados e desempenhos durante um período (ASSAF NETO; LIMA, 2016). Ross et al. (2013) concordam que tais demonstrações permitem avaliações mais precisas sobre a saúde da empresa, atraindo novos investidores com desempenhos robustos. Estas incluem: balanço patrimonial, demonstração do resultado do exercício e demonstração de fluxo de caixa. O balanço mostra ativos, passivos e patrimônio líquido em uma data específica, destacando bens, direitos, obrigações e compromissos com acionistas (Ross et al., 2013; ASSAF NETO; LIMA, 2016). A demonstração do resultado expõe lucros ou prejuízos, compreendendo receitas e despesas (Ross et al., 2013; ASSAF NETO; LIMA, 2016). Por fim, a demonstração do fluxo de caixa, enfatizada por sua relevância, fornece insights de solvência e liquidez, registrando todas as transações financeiras (Assaf Neto e Lima, 2016; Ross et al., 2013).

2.5 Análises financeiras

Após o entendimento dos conceitos básicos a respeito das demonstrações financeiras e por esta pesquisa tratar-se de uma análise comparativa entre bancos monetários brasileiros e bancos monetários norte-americanos, possibilita-se o desenvolvimento da discussão sobre as análises financeiras e sua importância na

comparação de empresas de diferentes tamanhos, nacionalidades, mercados, consumidores etc. Segundo Assaf Neto e Lima (2016), uma das melhores maneiras de se analisar o desempenho de uma organização é por meio da aplicação de indicadores ou índices econômico-financeiros. Corroborando com este discurso, Ross *et al.* (2013) mencionam que a análise de demonstrações financeiras possibilita relacionar e explorar os casos entre diferentes informações financeiras, viabilizando práticas como o *benchmarking*.

2.5.1 Índices econômico-financeiros

A partir das informações em BP, DRE e DFC, índices financeiros são elaborados para revelar a saúde financeira das organizações, sendo essenciais para análises comparativas (ASSAF NETO; LIMA, 2016). No entanto, uma análise completa requer a observação de múltiplos índices e uma comparação temporal (Ross *et al.*, 2013). No setor bancário, Ferreira Neto, Alves e Mendonça (2020) dividem os índices em categorias como solvência, liquidez, análise de capital, spread, eficiência e rentabilidade. Alguns destes índices incluem o índice de endividamento geral (IEG) e o índice de participações de empréstimo (PE) (Assaf Neto e Lima, 2016). Para a análise financeira de bancos, outros indicadores como independência financeira, relação capital/depositante e alavancagem financeira são cruciais (Assaf Neto e Lima, 2016; Ross *et al.*, 2013). O spread bancário é analisado via margem financeira (MFA) (Ferreira Neto, Alves e Mendonça, 2020), enquanto eficiência operacional envolve fluxo de caixa das atividades operacionais (FCAO) e equivalentes de caixa (EC). Indicadores de rentabilidade incluem retorno sobre o ativo (ROA) e retorno sobre o patrimônio líquido (ROE) (Mendonça *et al.*, 2016). No contexto de análise de ações, Damodaran (2012) destaca a importância da precificação, sendo que as empresas podem emitir ações preferenciais ou ordinárias. Indicadores acionários relevantes incluem preço/lucro, lucro por ação e dividend yield (ROSS *et al.*, 2013; DAMODARAN, 2012).

3 MÉTODO

3.1 Enquadramento da pesquisa

Tendo como objetivo de pesquisa analisar a recuperação financeira de instituições bancárias do Brasil e Estados Unidos da América durante e após à crise de 2008, o estudo apresenta caráter exploratório e descritivo, que, segundo Gil (2019), pesquisas com estas características desejam esclarecer, descrever, desmistificar ou até modificar conceitos e ideias. Partindo do princípio de que os dados obtidos nesta pesquisa foram de cunho econômico-financeiro, pode-se estabelecer a característica quantitativa da pesquisa, que deseja analisar dados com procedimentos matemáticos e, posteriormente, aplicar estatística descritiva para dar consistência nas análises (LAKATOS; MARCONI, 2017).

3.2 Procedimentos empíricos da pesquisa

Os sujeitos desta pesquisa foram selecionados em uma amostra do tipo intencional, que, segundo Gil (2019), apresenta validade de acordo com os critérios indicados na seleção. Foram selecionados quatro bancos monetários privados de capital nacional, dois brasileiros (Itaú e Bradesco) e dois norte-americanos (JP Morgan Chase e Bank of America). Para a escolha das respectivas empresas foram avaliados os quesitos expressos no Quadro 1.

Quadro 1 – Critérios de seleção dos bancos monetários

Crêterios
Sele�o dos dez maiores bancos no país (Brasil e Estados Unidos);
Exclusão de bancos públicos;
Exclusão de bancos que não tivessem capital nacional;
Exclusão de bancos que não divulgam seus resultados por meio do GAAP e IFRS na SEC ou CVM;
Exclusão de bancos que não tivessem a�es em bolsa no período de 2006 até 2019.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Para análise das demonstra es contábeis das quatro institui es financeiras citadas no parágrafo anterior, tornou-se necessária a utiliza o de dados secundários, por meio do método de levantamento documental, que, para Gil (2019), aumenta consistência e veracidade dos dados da pesquisa, já que os documentos podem ser comprovados mediante análise de terceiros. Neste artigo, utilizaram-se relatórios econômico-financeiros dos quatro bancos monetários, auditados internamente e externamente por auditores externos independentes. Para análise dos bancos brasileiros (Itaú e Bradesco) operou-se com o relatório “F – 20”, divulgado anualmente nas plataformas da agência reguladora dos mercados norte-americanos (SEC). Para análise das demonstra es financeiras dos bancos norte-americanos (JP Morgan Chase e Bank of America) utilizou-se do relatório “10 – K”, também divulgado anualmente nas plataformas da agência reguladora dos mercados norte-americanos (SEC).

3.3 Procedimentos analíticos da pesquisa

Os autores Reinhart (2018) e Frankel (2011) indicam que a CF tenha ocorrido durante o período de 2008 a 2009. Logo, os relatórios analisados e os períodos observados na pesquisa foram organizados em três fases: período pré-crise (2007), período de crise (2008 – 2009), período pós-crise (2010 – 2019). Possibilitando uma análise longitudinal (vertical e temporal) do desempenho financeiro durante treze anos nas quatro institui es financeiras exploradas. Segundo Ross *et al.* (2013) e Assaf Neto e Silva (2016), a análise temporal de dados financeiros possibilita compara es entre diferentes épocas em situa es específicas do cotidiano de indivíduos, grupos e organiza es, e a análise vertical de demonstra es financeiras auxilia na compara o do desempenho financeiro de organiza es com a cria o de índices financeiros.

Após a sele o dos sujeitos da pesquisa, a análise documental e os períodos analisados, selecionou-se quais demonstra es financeiras seriam pesquisadas. Seguindo o método aplicado por Ferreira Neto, Alves e Mendonça (2020), optou-se por selecionar contas do balanço patrimonial (BP) e da demonstra o do resultado do exercício (DRE), e decidiu-se por acrescentar duas novas análises de demonstra es: a demonstra o do fluxo de caixa (DFC) e a análise das a es (AC) destas empresas.

Os 15  ndices e indicadores foram divididos em 6 categorias conforme uma adapta o da organiza o dos autores Ferreira Neto, Alves e Mendonça (2020). Os indicadores foram ordenados em categorias como demonstrado no Quadro 2.

Quadro 2 –  ndices financeiros utilizados na pesquisa

Categorias	�ndices

Estrutura de capital	Endividamento geral
	Participações de empréstimo
Análise de capital	Independência financeira
	Relação capital / depositante
	Imobilização de capital próprio
	Alavancagem financeira
Spread	Margem financeira
Eficiência operacional	Fluxo de caixa das atividades operacionais
	Equivalentes de caixa
Lucratividade e rentabilidade	Retorno sobre o ativo
	Retorno sobre o patrimônio líquido
Análise de ações	Preço da ação
	Lucro por ação
	Preço/Lucro
	<i>Dividend Yield</i>

Fonte: Ferreira Neto, Alves e Mendonça (2020), Assaf Neto e Lima (2016), adaptado pelo autor.

Após a observação das variáveis necessárias, tornou-se essencial a utilização de informações dos quatro bancos monetários contidas no BP, DRE, DFC e AC, gerando 195 observações por banco monetário analisado. Logo, obteve-se 780 resultados, que foram analisados, calculados e transformados nos índices financeiros por meio do *software* Excel e IBM SPSS, que, segundo Field (2009), são programas utilizados para apuração de dados estatísticos em análises multivariadas.

Além das análises quantitativas resultantes do cálculo dos índices financeiros nos bancos monetários pesquisados – para que fosse possível uma análise comparativa mais aprofundada entre os bancos brasileiros e norte-americanos – optou-se pela utilização da estatística descritiva nos indicadores financeiros da categoria de “eficiência operacional”, com uma medida de tendência central (média) e medidas de variabilidade (desvio padrão, variância e coeficiente de variação) (ROSS *et al.*, 2013; ASSAF NETO; LIMA, 2016).

Ressalta-se que, para análise dos índices financeiros da categoria “análise de ações”, seguiu-se o seguinte critério: para os bancos norte-americanos utilizou-se a precificação média do ano das ações ordinárias (JPM e BAC); para os bancos brasileiros, utilizou-se da precificação média das ações preferenciais (ITUB4 e BBDC4). Para o alcance do preço médio das ações das quatro instituições financeiras desenvolveu-se uma média aritmética dos valores diários das cotações de cada banco monetário. Optou-se pelas ações preferenciais no Brasil pois o volume de compra/venda é relativamente maior que as ações ordinárias (ADVFN BRASIL, 2019).

4 RESULTADOS OBTIDOS E DISCUSSÃO

4.1 Realidade pré-crise (2007)

Tabela 3 – Resultados dos índices financeiros dos bancos no ano de 2007

Categoria	Índices	JP Morgan Chase	Bank of America	Itaú	Bradesco
-----------	---------	-----------------	-----------------	------	----------

Estrutura de Capital	IEG	88,94%	91,44%	86,56%	90,02%
	PE	33,25%	50,40%	48,35%	66,30%
Análise de Capital	IF	7,89%	8,56%	13,44%	9,89%
	RCD	16,64%	18,23%	46,08%	33,77%
	ICP	56,26%	67,48%	27,49%	14,15%
	AL	12,68	11,69	7,44	10,11
Spread	MFA	4,57%	5,09%	12,37%	7,58%
Lucratividade e Rentabilidade	ROE	12,47%	10,21%	20,37%	23,90%
	ROA	0,98%	0,87%	2,74%	2,36%
Análise de Ações	Preço	\$47,77	\$49,48	R\$ 23,18	R\$ 16,64
	LPA	\$4,51	\$3,35	R\$ 2,32	R\$ 2,24
	P/L	10,59	14,77	9,99	7,43
	DY	3,10%	4,85%	2,93%	4,81%

Fonte: SEC [entre 2008 e 2009] adaptado pelo autor.

Abordando a primeira categoria “estrutura de capital”, composta pelos índices de endividamento e participação de empréstimos, pode-se aferir que todos os bancos apresentavam uma alta porcentagem no IEG, o que é comum quando se trata de instituições financeiras, pois como mencionado por Frenkel (2011) e Campos, Souza e Matos (2015), a maior parte dos recursos utilizados pelos bancos monetários encontra-se nas mãos de terceiros. Pontua-se que o BAC apresentava a maior porcentagem de “endividamento” no ano de 2007 – exatos 91,44%. Portanto, tratava-se do banco com maior risco de crédito pré-CF. Por conseguinte, segundo Assaf Neto e Lima (2016), o índice de PE indica uma forte relação com a atribuição do risco de crédito (rating) dos clientes. Naquele momento pré-crise os dois bancos que apresentaram maiores porcentagens de PE, tratava-se do Bank of America (50,40%) e o Bradesco (66,30%).

Partindo para a categoria de “análise de capital”, composta pelos índices de IF, RCD, ICP e AL. Pode-se mencionar que os bancos norte-americanos apresentaram maiores riscos financeiros, pois obtiveram as menores porcentagens neste indicador – JPM (7,89%) e BAC (8,56%) –, demonstrando que estas instituições estavam expostas a maiores riscos do mercado. No tocante ao índice relação capital/depositante, pode-se afirmar que os bancos norte-americanos apresentaram menores porcentagens – JPM (16,64%) e BAC (18,23%) –, indicando que ambos os bancos apresentam maior dependência de depósitos financeiros em seu capital social. Com relação ao índice de imobilização de capital próprio observa-se que os bancos brasileiros apresentaram menores porcentagens – Itaú (27,49%) e Bradesco (14,15%) –, e os bancos norte-americanos apresentaram porcentagem maiores – JPM (56,26%) e BAC (67,48%). Logo, observou-se um menor capital de giro próprio por parte dos norte-americanos frente ao período pré-crise. Por fim, por meio do indicador da alavancagem financeira, verificou-se um melhor estado nos bancos brasileiros, no qual ambos apresentaram valores mais baixos – Itaú (7,44) e Bradesco (10,11) –, indicando um menor risco financeiro pré-crise para os bancos.

Por conseguinte, a categoria do “spread bancário” analisou um único indicador econômico-financeiro: a margem financeira, que, segundo Assaf Neto

(2016), pode apontar uma possível porcentagem de inadimplência bancária. Por meio dos dados observados na Tabela V, pode-se afirmar que os bancos brasileiros revelaram um maior risco de inadimplência, pois apresentam as maiores porcentagens pré-crise dentre os bancos examinados – Itaú (12,37%) e Bradesco (7,58%).

Conforme Mendonça *et al.* (2016), os indicadores de “lucratividade e rentabilidade” possuem a funcionalidade de apresentar os retornos monetários das instituições financeiras para com os acionistas e interessados. No que tange a análise dos índices de rentabilidade sobre o ativo e rentabilidade sobre o patrimônio líquido. Pode-se afirmar que, no período pré-crise, os bancos brasileiros apresentavam maiores rentabilidades em ambos os indicadores – Itaú (20,37% e 2,74%) e Bradesco (23,90% e 2,36%) –, demonstrando uma maior lucratividade e um maior valor criado para o acionista destas instituições financeiras na época.

Em última investigação, observou-se dados da categoria de “análise das ações”, composta pela precificação da ação, o lucro por ação, o índice preço/lucro e o *dividend yield*. Damodaran (2012) explica a importância de analisar a precificação de uma ação como um ótimo indicador para a continuidade nos negócios de organizações financeiras. Inicialmente, constata-se que o BAC apresentava a ação mais valorizada dentre os quatro bancos no período pré-crise (U\$ 49,48). Com a análise dos indicadores “lucro por ação” e “Preço/Lucro”, notou-se que os bancos norte-americanos demonstraram maiores resultados no período pré-crise – JPM (U\$ 4,51 e 10,59) e BAC (U\$ 3,35 e 14,77). Por fim, o indicador “*dividend yield*” manifestou uma grande semelhança entre os bancos Bradesco e BAC, no qual ambos evidenciaram números muito próximos – Bradesco (4,81%) e BAC (4,85%).

4.2 Realidade na crise (2008 – 2009)

Tabela 4 – Resultados dos índices financeiros dos bancos no ano de 2008 e 2009

Índices	JP Morgan Chase		Bank of America		Itaú		Bradesco	
	2008	2009	2008	2009	2008	2009	2008	2009
IEG	90,59%	89,81%	90,26%	89,59%	91,12%	86,31%	91,44%	90,88%
PE	34,25%	31,17%	51,24%	40,49%	46,33%	44,57%	39,90%	52,48%
IF	7,67%	8,14%	9,74%	10,41%	8,88%	13,69%	8,48%	9,12%
RCD	16,54%	17,62%	20,05%	23,34%	23,63%	42,97%	22,55%	15,39%
ICP	43,78%	48,15%	58,53%	49,19%	9,51%	23,51%	15,46%	18,20%
AL	13,03	12,29	10,27	9,61	11,26	7,30	11,79	10,97
MFA	3,36%	3,27%	4,71%	3,50%	11,87%	12,11%	5,83%	11,27%
ROE	3,36%	7,09%	2,26%	2,71%	13,69%	17,81%	19,00%	18,59%
ROA	0,26%	0,58%	0,22%	0,28%	1,22%	2,44%	1,61%	1,70%
Preço	\$39,77	\$35,52	\$30,63	\$12,33	R\$18,63	R\$ 17,22	R\$ 15,91	R\$ 15,12
LPA	\$0,81	\$2,25	\$0,54	-\$0,29	R\$1,49	R\$ 3,25	R\$ 1,96	R\$ 2,10
P/L	49,10	15,79	56,71	-42,52	12,50	5,30	8,12	7,20
DY	3,82%	0,56%	7,31%	0,32%	6,23%	5,34%	4,52%	4,76%

Fonte: SEC [entre 2008 e 2009] adaptado pelo autor.

Inicialmente, observa-se um movimento estratégico realizado por todos os quatro bancos para diminuir o seu risco de crédito e endividamento: a diminuição na porcentagem dos índices financeiros da categoria “estrutura de capital” entre os anos de 2008/2009, demonstrando um comportamento conservador com relação ao mercado, no qual os quatro bancos decidiram por diminuir seu risco de exposição e dependência de capital de terceiros. Os índices AL e RCD da categoria “análise de capital” seguiram a mesma estratégia citada anteriormente, tentando ao máximo diminuir o risco financeiro e a dependência de terceiros, diminuindo os valores do índice AL, indicando uma menor exposição ao risco financeiro e um aumento no índice RCD, demonstrando uma menor dependência de capital de terceiros. Rajan (2010) e Reinhart (2018) elucidam essa estratégia como algo comum em instituições financeiras.

Ressalta-se que o índice ICP indicou o BAC como o único banco que aumentou a porcentagem do seu capital de giro próprio em meio à crise. Este fato pode ser explicado com uma análise realizada no tópico anterior, pois, no momento pré-crise, o BAC era o banco com maior índice de endividamento geral, fazendo com que as iniciativas para diminuir o risco e a exposição do banco no mercado demandassem mais capital próprio.

Observa-se que um caso atípico tenha ocorrido nos bancos brasileiros, quando analisado o índice de “spread bancário”, pois, quanto menor o valor de porcentagem, menor o risco de inadimplência dos clientes. No caso dos bancos norte-americanos, observa-se uma diminuição brusca na porcentagem deste item. Esta situação foi explicada pelos autores Bernstein, Lerner e Mezzanotti (2017), quando mencionaram que a deficiência no crédito norte-americano não se alarmou por mais anos, pois os bancos realizaram estratégias, junto ao governo, para a diminuição na inadimplência e uma melhora na análise do rating dos clientes. O mesmo caso não ocorreu no Brasil, onde os bancos Itaú e Bradesco aumentaram a porcentagem de seu spread bancário, aumentando o risco de inadimplência de seus clientes. Segundo Campos, Souza e Matos (2015), tratou-se de um movimento estratégico que possuía a intenção de angariar novos clientes na época, pois, para os autores, os bancos brasileiros não teriam sentido a crise do crédito tão fortemente em seus primeiros anos.

Por meio da análise dos índices de lucratividade (ROA e ROE) notou-se um aumento nas porcentagens de ambos os indicadores em três bancos. Apenas o banco Bradesco teve uma baixa na porcentagem do índice de rentabilidade sobre o ativo, demonstrando um maior impacto da crise no crescimento dos ativos desta organização.

Por fim, os indicadores que observaram a categoria “análise de ações” demonstraram resultados muito impactantes para os acionistas e *stakeholders* destas instituições financeiras. Primeiramente, destaca-se a precificação das ações destas organizações, sendo observada uma queda no preço médio no ano de 2009 em comparação com o preço médio no ano de 2007 (pré-crise). O JPM teve uma desvalorização de -21% no preço da ação, o Itaú obteve uma desvalorização de -26%, o Bradesco apresentou uma desvalorização de -9% e o BAC sentiu o maior impacto com uma desvalorização de -75% no preço da ação. Apesar desta realidade observada, o índice LPA apresentou leve alta entre os anos de 2008/2009. Tal aumento pode ser explicado como uma forma de atrair e criar valor para o acionista, mesmo em períodos de crise (DAMORADAN, 2012). Por conseguinte, o indicador *dividend yield* também demonstrou uma diminuição nas porcentagens nos quatro bancos monetários, com a maior diminuição partindo do BAC, que teve uma

diminuição de 7,31% para 0,32%. Os resultados negativos deste banco perpetuaram-se para os índices LPA e P/L, onde ambos foram negativos devido à grande queda no preço da ação.

4.3 Realidade pós-crise (2010 – 2019)

Por tratar-se de uma escala temporal maior (2010/2019), os índices deste período foram analisados com um método intencional, selecionando-se apenas os resultados de maior relevância na opinião do autor.

O período de recuperação financeira para os bancos monetários durou cerca de 10 anos e ainda tem impactos severos em seus resultados atuais. Indicadores, como nível de endividamento e spread bancário, foram os índices mais atingidos, demandando novas estratégias para a continuidade em seus negócios (REINHART, 2018).

Na análise dos primeiros cinco anos de recuperação pós-crise, observa-se uma diminuição considerável no índice de endividamento geral por parte dos bancos norte-americanos (entre os anos de 2010 e 2015), enquanto nos bancos brasileiros o mesmo indicador apresentou um leve crescimento em sua porcentagem durante o mesmo período. Entende-se este cenário como uma maneira encontrada pelos bancos norte-americanos de diminuir o máximo possível a sua dependência de capital de terceiros. Ressalta-se que, a partir de 2016, os quatro bancos aumentam a porcentagem de endividamento, demonstrando uma possível recuperação financeira.

O índice MFA demonstrou uma continuidade na estratégia dos bancos norte-americanos durante o período pós-crise, focada em diminuir a porcentagem de uma possível inadimplência de seus clientes, concordando com o discurso dos autores de Harvard, Bernstein, Lerner e Mezzanotti (2017), onde mencionam que esta estratégia perdurou até o ano de 2015. Apenas a partir do ano de 2016 os bancos norte-americanos voltaram a aplicar estratégias com maiores riscos financeiros.

Destaca-se os resultados dos índices financeiros de rentabilidade e lucratividade que tiveram algumas oscilações durante o período pós-crise. É importante mencionar que o BAC teve dificuldade em manter um crescimento significativo nos indicadores de rentabilidade (ROA e ROE), chegando a demonstrar resultados negativos nos anos de 2010 (ROE: -0,98% e ROA: -0,10%), e uma recuperação relativamente lenta até 2019 – banco que apresentou o maior impacto da CF durante o período de 2008/2009.

Por conseguinte, os indicadores de “análise de ações” apresentaram resultados promissores durante o período pós-crise, quando a precificação das ações dos quatro bancos monetários teve uma alta significativa para seus acionistas. Nesta análise destaca-se o banco JPM que, em 2010, obteve uma cotação média no ano de U\$ 40,34, e, em 2019, esta mesma cotação média do ano chegou à U\$ 115,14 – crescimento de aproximadamente 285% no preço da ação.

4.4 Continuidade nos negócios (2007 – 2019)

Para Stiglitz (2010) e Reinhart (2018), a recuperação financeira das instituições financeiras norte-americanas deu-se por uma quantidade notável de estratégias para diminuição no risco financeiro destas organizações ao longo do período de crise (2008-2009). Porém, o governo norte-americano também desempenhou um papel fundamental para o aumento de capital destas e outras organizações financeiras da época. De acordo com os argumentos de Santana (2018), apesar da crise não ter apresentado impactos tão fortes no Brasil quanto no

mercado norte-americano, as instituições financeiras brasileiras também desenvolveram e aplicaram estratégias com mais riscos para o angariamento de novos clientes, aumentando seu capital de giro e seus índices de rentabilidade e atraindo, cada vez mais, novos acionistas para estes bancos monetários. Este artigo discorda, em partes, do trabalho desenvolvido pelos autores Campos, Souza e Matos (2015), no âmbito de indicação de bancos brasileiros como adeptos de decisões conservadoras na CF. O Brasil, ao contrário do evidenciado pelos autores, adotou práticas mais arriscadas.

Damodaran (2012) indica que o valor criado para o acionista é um dos fatores mais importantes para a sobrevivência e continuidade de uma empresa, podendo gerar um maior ganho de capital de terceiros no mercado de ações. Para o alcance deste quesito, o banco monetário deve apresentar um bom desempenho nos índices que analisam a precificação de suas ações. Quando observado os indicadores da categoria “análise de ações”, pode-se aferir que três bancos monetários conseguiram superar o preço de sua ação de 2007, destacando o JPM, que obteve uma valorização de 241% durante o período de 13 anos. Porém, observa-se também que o BAC foi o único banco que não conseguiu recuperar o preço de sua ação: no período pré-crise (2007) o banco apresentava o preço em U\$ 49,48 e no período pós-crise (2019) obteve o preço de U\$ 29,72. Lembrando que no período pré-crise o BAC era o banco com o preço de ação mais valorizado do mercado em comparação com os outros sujeitos desta pesquisa.

O último fator observado pelos autores desta pesquisa, que, de acordo com Bernstein, Lerner e Mezzanotti (2017), influenciou a continuidade nos negócios dos bancos monetários frente a crise de 2008/2009, foi a gestão do fluxo de caixa dos quatro bancos monetários. Para esta análise, desenvolveu-se uma breve investigação, com a utilização de medidas de tendência central e de variabilidade, como demonstra as Tabelas 5 e 6 abaixo:

Tabela 5 – Indicadores de eficiência operacional (DFC) dos bancos brasileiros analisados com estatística de tendência central e de variabilidade

Bancos	Itaú				Bradesco			
	Média	Desvio Padrão	Variância	CV	Média	Desvio Padrão	Variância	CV
FCAO	51,79%	350,65%	12,29533	6,77	5,24%	180,92%	3,273374	34,55
EQ CAIXA	23,49%	54,64%	0,298538	2,33	34,78%	86,15%	0,742138	2,48

Fonte: SEC [entre 2007 e 2019] adaptado pelo autor.

Tabela 6 – Indicadores de eficiência operacional (DFC) dos bancos norte-americanos analisados com estatística de tendência central e de variabilidade

Bancos	JP				Bank of America			
	Média	Desvio Padrão	Variância	CV	Média	Desvio Padrão	Variância	CV
FCAO	246,98%	746,66%	55,75046	3,02	286,47%	876,81%	76,87936	3,06
EQ CAIXA	128,87%	475,69%	22,62783	3,69	22,90%	75,12%	0,564367	3,28

Fonte: SEC [entre 2007 e 2019] adaptado pelo autor.

Analisando as tabelas VII e VIII, constatou-se que os bancos norte-americanos apresentaram um coeficiente de variação (CV) menor, indicando que uma gestão controlada dos fluxos de caixa operacional e equivalentes de caixa auxiliaram a continuidade dos negócios dos bancos norte-americanos.

5 CONCLUSÕES

A presente pesquisa teve como objetivo central responder a seguinte indagação: “Qual a relação existente entre a recuperação financeira de instituições bancárias do Brasil (Bradesco e Itaú) e Estados Unidos da América (Bank of America e JP Morgan Chase) durante e após à crise de 2008/2009?”. Logo, foi analisado um período de 2007 até 2019, com a intenção de entender a relação entre a recuperação financeira de bancos monetários brasileiros e norte-americanos antes, durante e após a crise.

A problematização foi respondida com diversas comparações entre as instituições financeiras, nas quais se observou uma relação mais forte de perda por parte dos bancos norte-americanos durante o período observado, principalmente atrelado ao risco financeiro e de crédito, analisado pelos índices das categorias de “estrutura de capital” e “análise de capital”, o que dificultou a recuperação financeira destas instituições. Por outro lado, os bancos monetários brasileiros obtiveram resultados mais interessantes no período analisado, destacando as categorias dos índices de “spread bancário” e “lucratividade e rentabilidade”, manifestando uma estratégia com mais riscos e incertezas, porém alcançando resultados mais interessantes para os acionistas.

Com relação a categoria de “análise de ações” cita-se o caso do banco norte-americano JPM – que obteve a melhor recuperação financeira no período analisado, apresentando um crescimento de 241% no preço médio de sua ação – e o BAC que apontou a pior recuperação financeira durante os anos de 2007-2019 – o preço médio de sua ação experimentou uma desvalorização de aproximadamente 40%. Por fim, utilizando a análise estatística descritiva nos índices de “eficiência operacional”, observou-se uma gestão mais controlada das contas de demonstração de fluxo de caixa por parte dos bancos norte-americanos, pois, como mencionado anteriormente, a gestão destas contas de resultado foi essencial na recuperação financeira destas instituições financeiras.

Após as diversas análises apresentadas acima, os objetivos específicos de “compreender a realidade vivenciada pelos bancos monetários da pesquisa em meio à crise de 2008/2009 por meio de análises econômico-financeiras”, “comparar diferentes aspectos financeiros das instituições bancárias do Brasil e Estados Unidos, durante e após a crise de 2008/2009” e “identificar os possíveis fatores que auxiliaram a continuidade destes negócios em seus respectivos países”, foram alcançados com a utilização das demonstrações financeiras contidas nos relatórios “F-20” e “10-K”, que auxiliaram no desenvolvimento de índices/indicadores econômico-financeiros e de comparações estatísticas entre os quatro bancos monetários.

Menciona-se como limitação nesta pesquisa, o processo de convergência consolidado pelo BACEN e pela CVM em 2007, exigindo que instituições financeiras e algumas companhias abertas apresentassem, suas demonstrações consolidadas em IFRS, para que houvesse uma maior padronização nas demonstrações contábeis dos bancos monetários do Brasil. Esta decisão acabou dificultando a construção das análises e dos índices financeiros dos anos de 2007 a 2009, já que a norma passou a valer a partir de 2010, era possível encontrar divergências em alguns resultados dos bancos brasileiros. Porém, esta adversidade foi contornada quando se decidiu por colher os dados financeiros apenas da agência reguladora do mercado de valores dos Estados Unidos da América (SEC), tornando as informações mais verídicas e confiáveis.

Finalmente, indica-se, como agenda futura, a utilização dos dados financeiros colhidos por este artigo junto a uma análise qualitativa do processo decisório pelos gestores dos quatro bancos monetários na época, a fim de entender o impacto das decisões dos líderes na continuidade destas organizações durante e após a crise de 2008/2009.

REFERÊNCIAS

- ADVFN BRASIL: portal de investimentos em ações da bolsa de valores do brasil. *Dados históricos das cotações do Bradesco SA*. 2019. Disponível em: <https://br.advfn.com/bolsa-de-valores/bovespa/bradesco-pn-BBDC4/historico>. Acesso em: 12 out. 2020.
- ADVFN BRASIL: portal de investimentos em ações da bolsa de valores do brasil. *Dados históricos das cotações do Itaú SA*. 2019. Disponível em: <https://br.advfn.com/bolsa-de-valores/bovespa/itau-unibanco-pn-ITUB4/historico>. Acesso em: 12 out. 2020.
- ASSAF NETO, A.; LIMA, F. G. *Fundamentos de administração financeira*. 3. ed. São Paulo: Grupo GEN, 2016. *E-book*.
- BERNSTEIN, S.; LERNER, J.; MEZZANOTTI, F. Private equity and financial fragility during the crisis. *Harvard Business School Working Paper*, v. 18, n. 005, 2017.
- BONANI, B. *O que é a SEC?*. São Paulo: Buggpedia, 2018. Disponível em: <https://bugg.com.br/2018/01/15/o-que-e-a-sec-cvm-americana/#:~:text=rsrs%E2%80%A6,Proteger%20os%20investidores>. Acesso em: 21 set. 2020.
- BRASIL. Ministério da Economia. Comissão de Valores Mobiliários. *Acesso à informação CVM: Sobre a CVM*. [200-?]. Disponível em: http://www.cvm.gov.br/menu/acesso_informacao/institucional/sobre/cvm.html. Acesso em: 31 ago. 2020.
- CAMPOS, K.; SOUZA, M. M.; MATOS, L. S. Impacto da crise econômica do crédito nos indicadores de desempenho dos maiores bancos brasileiros: uma análise entre os anos de 2005 a 2012. *Revista Razão Contábil & Finanças*, v. 6, n. 2, p. 1-21, 2015.
- CAMARGO, R. F. de. *IFRS x BR GAAP x US GAAP: como as normas da contabilidade internacional influenciam na gestão orçamentária?*. São Paulo: TREASY, 2017.
- CORRÊA, A. A.; SZUSTER, N. BR GAAP x IFRS: divergências das demonstrações contábeis nas instituições financeiras. *Pensar Contábil*, v. 15, n. 58, p. 4-13, 2013.
- DAMODARAN, A. *Valuation: como avaliar empresas e escolher as melhores ações*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Securities and Exchange Commission (SEC). *Informative page about 20F filings*. 2016. Disponível em: <https://www.sec.gov/files/form20-f.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Securities and Exchange Commission (SEC). *Informative page about 10K filings: Information Required in Registration Statement Cross-Reference sheet Between Informations Statement and Itens of Form 10*. 2016. Disponível em: <https://www.sec.gov/fast-answers/answers-form10khtm.html>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- FERREIRA NETO, M. N.; ALVES, M.; MENDONÇA, C. M. de. Uma análise da

- rentabilidade com base nos indicadores contábeis das instituições financeiras. *Revista Razão Contábil & Finanças*, v.11, n. 1, jan./jun. 2020.
- FIELD, A. *Descobrimos a estatística usando o SPSS*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FORTUNA, E. *Mercado financeiro: produtos e serviços*. 19. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2013.
- FRANKEL, J. A. The 2008-09 global financial crisis: lessons for country vulnerability. *Project Syndicate*, v. 70, set. 2011. Disponível em: <https://www.project-syndicate.org/blog/the-2008-09-global-financial-crisis--lessons-for-country-vulnerability>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- _____. Will the coronavirus trigger a global recession?. *Project Syndicate*, v. 70, fev., 2020. Disponível em: <https://www.project-syndicate.org/commentary/coronavirus-global-recession-prospects-by-jeffrey-frankel-2020-02>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- FREGUETE, L. M.; NOSSA, V.; FUNCHAL, B. Responsabilidade social corporativa e desempenho financeiro das empresas brasileiras na crise de 2008. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 19, n. 2, p. 232-248, 2015.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- INTERNACIONAL FINANCIAL REPORTING STANDARDS FOUNDATION (IFRS). *About us: Our mission statement*, 2019. Disponível em: <https://www.ifrs.org/about-us/who-we-are/>. Acesso em 31 ago. 2020.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de. A. *Metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MARICHAL, C. *Nova história das grandes crises financeiras: uma perspectiva global, 1873-2008*. São Paulo: FGV, 2016.
- MENDONÇA, D. J. et al. Utilização da análise fatorial para identificação dos principais indicadores de avaliação de desempenho econômico-financeiro: uma aplicação em instituições financeiras bancárias. *In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE*, 16., *Anais...* São Paulo, 2016.
- RAJAN, R. G. *Fault lines: How hidden fractures still threaten the world economy*. New Jersey: Princeton University Press, 2010.
- REINHART, C. The crisis next time: what we should have learned from 2008. *New York: Foreign Affairs*, v. 97, n. 6, out., p. 84-96, 2018.
- ROSS, S. A. et al. *Fundamentos de administração financeira*. 9. ed. Porto Alegre: Grupo A, 2013.
- SANTANA, M. H. Crise de 2008 mostrou que reguladores devem olhar à estabilidade financeira. [Entrevista concedida a] Guilherme Pimenta. *Jota*, São Paulo, v. 2, out., 2018. Disponível em: <https://www.jota.info/tributos-e-empresas/mercado/crise-de-2008-reguladores-estabilidade-22102018>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- STIGLITZ, J. E. *O mundo em queda livre: os Estados Unidos, o mercado livre e o naufrágio da economia mundial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.